

Documentários biográficos da Amazônia¹

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas²

COSTA, Alda Cristina³

SOUSA, MILENE COSTA⁴

VASCONCELOS, Moraes Luciana⁵

Universidade Federal do Pará/ Belém Pará

Resumo

Este artigo apresenta discussões iniciais das principais diretrizes do projeto DOCUMENTÁRIOS BIOGRÁFICOS DA AMAZÔNIA, que nasce da necessidade de se produzir documentários biográficos de pessoas que vivem na Amazônia paraense, especialmente aquelas que contribuíram ou contribuem, nas mais diversas áreas, com o desenvolvimento da cultura na região. A finalidade da práxis biográfica, de natureza audiovisual, apresenta como fio condutor da investigação o seguinte questionamento: Quem é o homem amazônico? A ideia é perseguir este sujeito amazônico, fazê-lo narrar sua própria cultura que, em última instância, é a cultura da Amazônia. O projeto, natureza pesquisa e extensão, começou suas atividades em março de 2015 e tem o apoio do Academia Amazônia, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave

Documentários Biográficos; Linguagem Audiovisual; Cultura; Comunidades; Amazônia.

O projeto DOCUMENTÁRIOS BIOGRÁFICOS DA AMAZÔNIA nasce da necessidade de se produzir documentários biográficos de pessoas que vivem na Amazônia paraense, especialmente aquelas que contribuíram ou contribuem, nas mais diversas áreas, com o desenvolvimento da cultura na região. Trata-se de documentar relatos orais,

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

² Professora Dr^a da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Projeto de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia – CNPq-UFPA. Vice-diretora da Faculdade de Comunicação. Email: celia.trindade.amorim@gmail.com

³ Professora Dr^a da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenadora do Projeto Mídia e Violência – CNPq-UFPA. Atualmente é Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Amazônia e Coordenadora do Academia Amazônia. Email: aldacristinacosta@gmail.com.

⁴ Graduanda do 5º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista do projeto Documentários Biográficos da Amazônia. PIBEX/CNPq-AF. Email: milenecostadesousa@gmail.com

⁵ Graduanda do 5º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista do projeto Documentários Biográficos da Amazônia. PIBEX/CNPq-AF. Email: lucianavasconcelos95@gmail.com

verdadeiras verbalizações das experiências de vida desses cidadãos, como registro de uma memória amazônica para socializá-la a futuras gerações.

Certamente há muitos discursos sobre a Amazônia. A grande maioria produzido fora do *locus* da região. O professor e pesquisador da Universidade Federal do Pará, Manoel Dutra, argumenta que a “Amazônia, espaço histórico sobre o qual se produziram os mais diversos tipos de sentidos” (2009, p.15), passou a ser alvo de lutas protagonizadas por atores sociais “que buscam, de diferentes posições, dar a sua definição, como que a última palavra sobre o que consideram o real significado dessa região”. (2009, p.15).

É do *locus* da Amazônia, de cidadãos que fazem e vivem a cultura dessa região, que se delimitará toda a *práxis* dos documentários biográficos audiovisuais. Longe de circunscrever a Amazônia, seja rural ou urbana, como um conjunto homogêneo ou vazio demográfico, o que se quer ressaltar neste projeto é a multiplicidade de falas de atores sociais que nela habitam. Na região, por exemplo, “(...) sobrevivem grupos aos quais a mídia, com frequência, chama de “povos da floresta, às vezes povos da Amazônia, para os quais torna-se familiar a presença de antenas parabólicas (...) tornando presentes realidades do mundo contemporâneo”. (DUTRA, 2009, p.16).

Nesta mesma linha de pensamento, a pesquisadora Vânia Costa (2011, p. 275) analisa que a mídia, ao relacionar o jeito de ser dos amazônidas com as paisagens naturais, na realidade

extermina a produção de subjetividade cultural, social e política, apagando a ação desses homens no mundo, enquanto seres históricos. Perpetua-se assim uma relação de colonialismo interno entre o Brasil e a Amazônia, que potencializa a cultura oficial nacional civilizada e descarta o saber local”. (COSTA, 2011, p. 275).

Assim, os documentários biográficos audiovisuais têm se apresentado de extrema importância, sobretudo na sociedade pós moderna, ou “líquida” para usar a expressão de Bauman (2013), uma sociedade que tende a descartar tudo a sua volta, até mesmo as pessoas. “Dissolver tudo que é sólido é condição inata e definidora da forma da vida moderna desde o princípio” (BAUMAN, 2013, p.16). Na modernidade líquida, de acordo com Bauman, se finca a arena de uma batalha “contra todo tipo de paradigma” (2013, p.17). Nela, todo o esforço não está na conservação do estado atual da cultura, mas na poderosa demanda por mudança constante. Uma mudança sem direção. (BAUMAN, 2001, p.18).

Toma-se os argumentos de Bauman para refletir, dentro de um campo globalizado de lutas e tensões constantes, sobre a possibilidade de os documentários audiovisuais representarem uma tentativa de resistência para valorizar a memória e a cultura dos sujeitos amazônicos e não do ponto de vista de uma identidade amazônica como algo valorativo para o mercado, mecanismo sempre atuante no campo de força do fluxo do capital para torná-la consumível.

É com esta perspectiva que se extrai o argumento de Melo et al 2001:

O documentário, enquanto gênero, é produzido com objetivos bem claros de evidenciar recortes da realidade. Partindo de um fato, procura mapear outros fatos correlacionados, acontecimentos interligados, causas e consequências. Traz consigo o tom de explicação, apresenta imagens e depoimentos que comprovam o que é dito e também funcionam como registro, como mecanismo de resgate da memória humana. (MELO et al, 2001, p. 8)⁶.

A *práxis* biográfica não tem o objetivo apenas de trabalhar ou destacar perfis e trajetórias em determinados períodos, mas conforme afirma Madelénat (1984, p.47, apud Prata, 2013, p.4) “tenta-se também responder a uma pergunta que preside todas as interrogações desta natureza: “quem é o homem”? Desta forma, toma-se neste projeto este principal questionamento para indagar, como fio condutor dos produtos biográficos audiovisuais: “Quem é o homem ou a mulher amazônido (a)?”. Onde se encontram esses homens e mulheres da região?. O que eles fazem? O que eles consomem? Qual é a relação deles com a Amazônia?. O que eles pensam sobre a região? O que eles esperam dessa terra tão cobiçada internacionalmente?

Há uma necessidade de ouvir esse homem e essa mulher amazônidas, possibilitar com que narrem suas histórias de vida e sua relação com a região. O registro dessas experiências será realizado por meio de gravações, entrevistas e formação de um banco de imagens referentes às pessoas e locais de suas construções ou significações culturais, pois o homem é um construtor de cultura (as).

⁶ Informação disponível em < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/>> Acesso em 10 jan 2015.

Os pilares ensino, pesquisa e a extensão

DOCUMENTÁRIOS BIOGRÁFICOS DA AMAZÔNIA é coordenado pelas professoras doutoras Célia Regina Trindade Chagas Amorim e Alda Cristina Costa, ambas da Faculdade de Comunicação e da Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Pará. Trata-se de um projeto que é inscrito na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade e conta com duas bolsistas selecionadas e aprovadas para o **Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX-2015/16)**, Milene Sousa e Luciana Vasconcelos, ambas do Curso de Jornalismo da UFPa. Entretanto, o projeto não possui apenas uma natureza extensionista. Possui vínculos com os projetos de pesquisas das coordenadoras, o Mídias Alternativas na Amazônia e Mídia e Violência; ambos com financiamento do CNPq e UFPa, edital Universal, além de iniciar diálogos com o ensino por meio das disciplinas (Documentários, Introdução ao Telejornalismo e Laboratório de Telejornalismo, Estudos de Temas Amazônicos). A finalidade, com a união desses pilares que organizam a Universidade, é produzir conhecimento para a sociedade.

O Espaço do Academia Amazônia

O projeto DOCUMENTÁRIOS BIOGRÁFICOS DA AMAZÔNIA está sendo executado no espaço do Academia Amazônia, coordenado pela professora Alda Cristina Costa. O Academia é um projeto ligado à Faculdade de Comunicação (Facom) e à Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa (Fadesp-Pa), com suas atividades iniciadas na década de 1990, na Pró-Reitoria de Extensão, com objetivo de ser o espaço de divulgação da Universidade Federal do Pará (UFPa), mantendo uma relação com a sociedade a partir do conhecimento produzido pelos pesquisadores. Em mais de 20 anos de criação, o Academia Amazônia – que trabalha, principalmente, com a linguagem audiovisual – formou um dos maiores acervos sobre a Amazônia, incluindo vídeos e documentários sobre diversos campos da ciência, tecnologia, meio ambiente e cultura. Com o *know how* adquirido ao longo desses anos, assim como a experiência em produção audiovisual, o Academia possui competência técnica e intelectual para realizar documentários dessa natureza, isto é, de registro de história e memória das pessoas da Amazônia.

A linguagem audiovisual

A linguagem audiovisual, marca do projeto de extensão, e do Academia Amazônia, está assentada nos signos imagem e som. É uma linguagem complexa pela riqueza de elementos sonoros e visuais em jogo, pois ativa dois importantes sentidos do ser humano:

A linguagem audiovisual, como a própria palavra expressa, é feita da junção de elementos de duas naturezas: os sonoros e os visuais. Portanto, estamos falando de artefatos da cultura que afetam esses dois sentidos do homem, a visão e a audição. Estes são os sentidos mais privilegiados no mundo moderno, pois uma das características da modernidade é o fato de permitir certo afastamento das pessoas do chamado mundo natural ou natureza. (COUTINHO, 2006, p. 16).

Se por um lado, a linguagem audiovisual, assim como outras tecnologias do contemporâneo - ao possibilitar afastamentos do chamado mundo natural - constituem formas estratégicas de narrar histórias, com apoio de textos, som, imagens; falas e emoções, passado, presente e futuro. Por outro lado, está diretamente ligada à realidade e, portanto, dela se origina. (COUTINHO, 2006).

Podemos dizer que a linguagem audiovisual expressa a realidade na sua dimensão espaço-temporal, ou seja, naquilo que a realidade é tempo e espaço, juntos e separados. Muitas questões se colocam quando pensamos nesses dois aspectos da realidade. (COUTINHO, 2006, p. 26).

Certamente que a linguagem audiovisual implica na construção de uma dada realidade, de acordo com critérios e seleção determinados, dentro de uma dimensão espaço-temporal. Sendo assim, os documentários se constituem em um revelante instrumento/documento de registro desta dada realidade. “Uma história sobre um mundo imaginário, não é mais que uma história. Uma história sobre o mundo real é um argumento”. (PENAFRIA, 1999, p.26). E como argumento, ao tentar reconstruir o mundo real, pretende-se trabalhar com o documentário, de natureza biografia autorizada, utilizando como técnicas ora a exposição ora a observação.

(...) o documentário expositivo se funda na imagem como ilustração de um comentário em off não sincrônico, que organiza as entrevistas, montadas como exemplos da ideia geral, sem qualquer referência ao processo de produção do filme. O cinema de observação e o interativo questionam, entre outros aspectos, a intervenção excessiva dessa voz em off e veem no plano-sequência sincronizado com o som a resposta estética mais adequada a essa atitude. (LINS, 2007, p. 231).

Mas ao privilegiar a perspectiva de exposição e observação nas futuras produções do projeto, questiona-se: O que é afinal a biografia? De acordo com Prata et al 2013, a biografia é a reconstituição da vida de uma pessoa ou de várias pessoas e pode acontecer em vários formatos como: texto, televisão, cinema, teatro ou para o espaço da web e/ou transmultimidiático. Assim Bruck (2009, p.28, apud Prata et al 2013, p.4) lembra que a biografia no final do século XVIII se estabeleceu como uma fonte histórica alternativa, com características específicas, “(...) uma fonte muito particular, correspondente à narração de uma vida, a qual, no entanto, ilumina o contexto em que se deu”.

De acordo com Prata “o biógrafo se põe numa posição de contador de histórias, em um tipo de relato quase sempre com características cronológicas”. (PRATA, 2013, p.4). Prata esclarece ainda que:

as atuais biografias produzidas quase sempre têm como fonte de informação básica um conjunto de entrevistas com pessoas que conviveram com o biografado. O uso de documentos como diários pessoais e o mergulho em acervos de jornais e revistas antigos também se constituem em procedimentos possíveis na produção de biografias entre tantos outros. (PRATA, 2013, p.4).

Ao valorizar a história ou experiência de vida de pessoas que têm uma relação com a Amazônia, cabe aqui ressaltar que tal relação pode ser de forma institucionalizada ou não, ou seja, o narrador pode exercer um cargo oficial ou ser um membro de uma comunidade. Ser um professor de uma universidade ou um vendedor de ervas do Ver-o-peso, o maior mercado ao ar livre do Norte do País.

Objetivos e metodologia do projeto

Frente ao exposto, o projeto tem como objetivo geral a) Produzir documentários com foco em biografias das pessoas que vivem na Amazônia paraense, especialmente aquelas que contribuíram ou contribuem, nas mais diversas áreas, com o desenvolvimento da cultura na região. Já os específicos são a) Contribuir para alargar a relação entre comunidade e Universidade, convidando os sujeitos a serem protagonistas das produções audiovisuais; b) Contribuir para a construção de um acervo audiovisual de pessoas que vivem na Amazônia e disponibilizá-los no site do Academia Amazônia; c) levantar experiências de vida de pessoas que desenvolvem ações coletivas na Amazônia.

Para a execução de tais objetivos, a metodologia está assentada em duas fases: Estudo bibliográfico pertinente ao tema dos documentários biográficos; e também no contexto amazônico em que o sujeito-personagem se localiza. Já na segunda fase, que envolve a execução dos documentários, já está sendo elaborada uma lista de atores sociais por temáticas; contato preliminar com as pessoas biografadas; Definição de um calendário de entrevistas; Solicitação de material pessoal para compor o documentário. Marcação dos dias de gravação. Produção e edição de oito documentários por ano. Os documentários produzidos serão disponibilizados no site do projeto Academia Amazônia, no seguinte endereço: http://www.portal.ufpa.br/interna_academiaamazonia.

Na atual fase, após aprovação do projeto no Edital Pibex, a coordenação e os bolsistas, definiram a produção dos documentários por categorias, assim elencadas: Acadêmicos, Atores Sociais, Cultura, Comunicação, *In memoriam*, Política, Meio Ambiente e Tradição. Essas categorias são marcações iniciais, sem uma ordem hierárquica de importância, mas de acordo com a temática e os sujeitos selecionados. Determinados assuntos vão ser transversais em uma ou mais categorias definidas.

A identidade visual

O projeto possui uma identidade visual. A arte foi elaborada pela bolsista do Academia Amazônia, Jéssika Araújo⁷, ver Figura 01, com a finalidade de conceituar a importância da produção. Na *logo* observa-se a abreviação do nome: DOCBIO. A finalidade é dar maior sonoridade e provocar relação com os sujeitos envolvidos não só no projeto como também com quem será o foco dos documentários. Na elaboração foi considerado o aspecto de projeção da trajetória de vida dos biografados, ou seja, os atores sociais que vivem a realidade cotidiana da Amazônia, nos seus aspectos informal ou formal de produção de experiências ou conhecimento.

Figura 01 – Identidade Visual: Documentários Biográficos da Amazônia



Fonte: Araújo, Jéssika. 2015.

A identidade visual pode ser assim descrita, conforme Figura 02: o rolo de fita remete a projetores tradicionais que revivem a qualquer tempo cenas marcantes de sua história, enquanto as fitas, retomam a ideia de registrar momentos importantes, demarcando as fases e as trajetórias de vida das pessoas. A figura de um sujeito dentro da letra "C", da palavra "Doc", representa a identidade do biografado, em forma de carimbo, como uma marca registrada deste sujeito da região. Todos os elementos são configurados em um ambiente de

⁷ A bolsista é graduanda do terceiro semestre de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação/Universidade Federal do Pará.

cor verde, lembrando natureza e floresta, recursos naturais em abundância no território amazônico.

Figura 02 – Descrição da Logo



Fonte: Araújo, Jéssika. 2015.

A logomarca criada receberá uma animação no início de apresentação de cada produção, indicando a junção dos elementos que constituem a identidade visual. Essa construção simbólica representa a identificação do projeto Documentários Biográficos da Amazônia, ou DOCBIO, assim como demarca a diferenciação no seu fazer e no seu dizer. Ou, conforme afirma Dondis (1997), um corpo de dados:

O modo visual constitui todo um corpo de dados que, como a linguagem, podem ser usados para compor e compreender mensagens em diversos níveis de utilidade, desde o puramente funcional até os mais elevados domínios da expressão artística. É um corpo de dados constituído de partes, um grupo de unidades determinadas por outras unidades, cujo significado, em conjunto, é uma função do significado das partes. (DONDIS, 1997, p.3).

Sob este aspecto, os estudos de Hall (2000) são fecundos para se entender a identidade pós-moderna não como algo fixo e permanente, mas como uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se

multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13).

Com efeito, os sujeitos que estão sendo biografados registram as marcas da heterogeneidade étnica constituinte do espaço amazônico (MAUÉS, 1999) e as múltiplas vozes que formam a realidade dessa diversidade social do território.

Neste sentido, a identidade visual do DOCBIO tem dois efeitos demarcadores: primeiro, criar uma relação entre sujeito e história narrada e, segundo, diferenciar a produção das outras atividades desenvolvidas pelo Academia Amazônia. É importante lembrar que a identidade visual são construções do imaginário, conforme lembra Peón:

Uma das funções dos sistemas de identidade visual é a de agregar à imagem corporativa determinados conceitos que a valorizem junto ao seu público-alvo. Estes conceitos, por sua vez, são construções do imaginário dos sujeitos daquele universo. São conceitos subjetivos, simbólicos, que muitas vezes só fazem sentido naquele universo próprio. Assim, é preciso compreender este universo e aprender a sua lógica para lançar mão de elementos que o expressem de uma forma tão natural que leve a uma identificação também natural entre o público-alvo e o objeto. (PEÓN, 2000, p. 64).

O projeto se estrutura numa construção de várias falas ou vozes que constituem o espaço amazônico. A produção, após finalizada, será disponibilizada no site do Academia <http://www.academiaamazoniaufpa.com/>.

Referências bibliográficas

- ALIANÇA, Priscila. **Pesquisa (Auto)Biográfica E (Auto) Formação Crítica Do Professor De Língua Inglesa**. In HOLOS, ano 27. Vol 4, 2011.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo Líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahah, 2013.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CEBRIÁN, Mariano. **Géneros informativos audiovisuales**. Madrid: Editorial Ciencia 3. S.A., 1992.

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

_____. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. A cultura do plural. Campinas: Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século).

COSTA, Vânia Maria Torres. **À Sombra da Floresta: Os sujeitos amazônicos entre estereótipo, invisibilidade e colonialidade no telejornalismo da Rede Globo**. Tese de Doutorado Tese – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Artes e Comunicação Social, 2011.

COUTINHO, Laura Maria. **Audiovisuais: arte, técnica e linguagem**. 60 horas.—Brasília : Universidade de Brasília, 2006.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUTRA, Manuel Sena. **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia a biodiversidade e os povos das florestas**. São Paulo: Anablume, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LINS, Consuelo. **Documentário: uma ficção diferente das outras?** IN: BENTES, Ivana (org). Ecos do Cinema: de Lumière ao digital. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Trad. de Bernardo Leitão. Campinas: Ed Unicamp, 2003.

LÉVY, Piérre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, Piérre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 13a. Ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **A Amazônia do Século XXI. Novas formas de desenvolvimento** São Paulo:Emporio do Livro, 2009.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

MAUÉS, R. H. **Uma outra "invenção" da Amazônia**. Belém: CEJUP, 1999.

MELO, Cristina Teixeira V. de. GOMES, Isaltina Mello. Moraes, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. In INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001.

PALHARES, Márcia Maria; SILVA, Rachel Inês da; ROSA, Rosemar. **As novas Tecnologias da Informação numa Sociedade em Transição**. In: Anais do VI CINFOM. Salvador: UFBA, 2005.

PENAFRIA, Manuela. **Filme Documentário: história, identidade, tecnologia**, (prefácio de João Mário Grilo) Lisboa, Edições Cosmos, 1999.

PEÓN, Maria Luísa. **Sistemas de identidade visual**. Rio de Janeiro: 2AB, 2000.

PRATA, Nair, et. al. **Enciclopédia do Rádio Esportivo Mineiro – o desafio de biografar** 371 radialistas. In 9º Encontro Nacional de História da Mídia – UFOP. 2013.

PASOLINI, Píer Paolo. Empirismo Hereje. Lisboa: As - sírio e Alvim, 1982.

PASOLINI, Pier Paolo. Gennariello: **A linguagem pedagógica das coisas**. In: Os jovens infelizes: antologia de ensaios corsários. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos*. Revista Estudos Históricos, Vol. 10, Nº 19, 1997. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2040>
Acesso em 10 jan. 2014.

SOUZA, Márcio. **A literatura na Amazônia: as letras na pátria dos mitos**. Disponível em <http://www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=vida>. Acesso em: 06 jan. 2014.

UNESCO. **Carta sobre a preservação do patrimônio digital**. Global, 23/07/2004.
Disponível:http://osi.unesco.org.br/arquivos/documentos/UNESCO%20Carta%20Preservacao%20Digital_PT%20final.pdf . Acesso em 06 jan. 2014.